



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA: ENSINO E PESQUISA NO SEMIÁRIDO**

NUBIA DANTAS DE OLIVEIRA

**ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEXTUALIZADO: UMA ANÁLISE DA PAISAGEM DO CENTRO
HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS-PB**

**CAJAZEIRAS – PB
2024**

NUBIA DANTAS DE OLIVEIRA

**ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEXTUALIZADO: UMA ANÁLISE DA PAISAGEM DO CENTRO
HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação da Pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa unidade acadêmica de geografia curso de pós-graduação lato sensu em Geografia: ensino e pesquisa no semiárido, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

O482e Oliveira, Nubia Dantas de.
Ensino de geografia contextualizado: uma análise da paisagem do Centro Histórico de Cajazeiras - PB / Nubia Dantas de Oliveira. – Cajazeiras, 2024. 54f. : il. Color. Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva.
Monografia (Especialização em Geografia: Ensino e Pesquisa no Semiárido) UFCG/CFP, 2024.

1. Ensino de Geografia. 2. Paisagem. 3. Centro histórico - Cajazeiras - Município- Paraíba. 4. Evolução histórica - Cajazeiras-Município -Paraíba. 5. Conhecimento geográfico - Paisagens cotidianas. I. Silva, Josué Pereira da Silva. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 91:37

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
COORDENACAO DA ESPECIALIZACAO EM GEOGRAFIA: ENSINO E PESQUISA DO
SEMIARIDO
Rua Sérgio Moreira de Figueiredo s/n, - Bairro Casas Populares, Cajazeiras/PB, CEP 58900-000**

**REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS
ATA DE DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA EM GEOGRAFIA: ENSINO
E PESQUISA NO SEMIÁRIDO, REALIZADA EM 20 DE DEZEMBRO DE 2024
(Nº 004)**

CANDIDATA: NÚBIA DANTAS DE OLIVEIRA. COMISSÃO EXAMINADORA: Prof. Dr. Josué Pereira da Silva (Orientador - UFCG); Prof. Dr. Rodrigo Bezerra Pessoa (Examinador 1 - UFCG); e Prof. Me. Marcos Assis Pereira de Souza (Examinador 2 - UFCG). TÍTULO DA MONOGRAFIA: ENSINO DE GEOGRAFIA CONTEXTUALIZADO: UMA ANÁLISE DA PAISAGEM DO CENTRO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS-PB. HORA DE INÍCIO: 08h00 – LOCAL:

Laboratório de Pesquisa em Ensino de Geografia (LAPEG) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Em sessão pública, após exposição de cerca de 20 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização, no tema de sua monografia, obtendo conceito APROVADA com nota Nove e Meio (9,5). Face à aprovação, declara o presidente da Comissão, achar-se a examinada, legalmente habilitada a receber o Grau de Especialista em Geografia: Ensino e Pesquisa no Semiárido, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada pela candidata, por mim, JOSUÉ PEREIRA DA SILVA (Orientador), e pelos demais membros da Comissão Examinadora. Cajazeiras, 20 de dezembro de 2024.

Recomendações e/ou observações:

**JOSUÉ PEREIRA DA SILVA
Orientador**

**RODRIGO BEZERRA PESSOA
Examinadora 1**

MARCOS ASSIS PEREREIRA DE SOUZA
Examinador 2

NÚBIA DANTAS DE OLIVEIRA
Estudante

2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa da Monografia de Especialização em Geografia: Ensino e Pesquisa no Semiárido da candidata NÚBIA DANTAS DE OLIVEIRA, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.



Documento assinado eletronicamente por JOSUE PEREIRA DA SILVA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 20/12/2024, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por RODRIGO BEZERRA PESSOA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR, em 20/12/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por NUBIA DANTAS DE OLIVEIRA, usuário Externo, em 20/12/2024, às 14:13, conforme horário oficial de [Brasília](#), com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por MARCOS ASSIS PEREIRA DE SOUZA, COORDENADOR(A), em 21/12/2024, às 10:27, conforme horário [oficial Brasília](#), com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador 5134064 e o código CRC 15D726BE.

Referência: Processo nº 23096.091284/2024-02 SEI nº 5134064

A paisagem existe através de formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. (Santos, 2021 p. 104).

À minha mãe, Antônia Zilma, que esteve presente em minha vida desde o início e pelo apoio e incentivo que ela sempre me deu. (In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer:

Em primeiro lugar a Deus por ter me dado animo e coragem para continuar a caminhada até aqui.

A minha filha, Antônia Maria Gonçalves de Oliveira, por ser a fonte do mais profundo amor que conheço.

Ao meu esposo, Rinaldo, pelo companheirismo e ajuda em todas as etapas deste processo.

A minha mãe, Antônia Zilma de Oliveira Dantas, in memória, que me deu a vida e ensinou a vivê-la com respeito e dignidade.

Aos meus irmãos, Antônio, Francisco e Natanael, que além de irmãos são amigos em todas as horas e que me ajudam nesta caminhada.

Aos meus sobrinhos, Letícia, Vitor, Davi e João Lucas por serem uma das maiores razões de minha vida.

A meu orientador, Professor Dr. Josué Pereira da Silva, pela paciência e motivação constante, durante a elaboração deste trabalho.

Aos colegas e professores da especialização pelo aprendizado e os momentos que passamos juntos ao longo de mais de um ano.

RESUMO

A paisagem enquanto categoria integradora, constituísse como uma ferramenta didática acessível, mas pouco explorada. A partir dos resultados da pesquisa de Oliveira (2022), que evidenciou uma desconexão entre a percepção dos estudantes sobre a paisagem e suas vivências, identificamos a necessidade de desenvolver metodologias pedagógicas que promovam uma relação mais próxima e significativa entre os alunos e a paisagem local. A pesquisa teve como objetivo geral contribuir para a melhoria do ensino de Geografia através da elaboração de material didático contextualizado, utilizando como referência a análise da paisagem do entorno do centro histórico de Cajazeiras-PB. Os objetivos específicos demonstrar a importância de uma abordagem contextualizada da paisagem no ensino fundamental anos finais. Sugerir um percurso histórico geográfico como base para a elaboração de um recurso didático que auxilie na compreensão da paisagem local e do entorno pelos estudantes. A abordagem metodológica combinou a fenomenologia e o materialismo histórico-dialético. A discussão foi composta de levantamento bibliográfico, evolução histórica, análise dos documentos BNCC, PCN e PNLD. Os resultados: a análise da paisagem pode ser feita fazendo uso das categorias analíticas forma, estrutura, função e processo produtivo, juntamente com as categorias identitárias religião, política, essa junção possibilita um aprendizado sobre como as paisagens são constituídas, explicando-as. O livro didático aborda o conteúdo paisagem de forma geral, portanto a paisagem cotidiana é responsabilidade dos educadores locais. A evolução histórica do município de Cajazeiras – PB, pode ser utilizado como material didático nas aulas de geografia. Por fim propomos uma alternativa de recurso didático um percurso geográfico histórico da paisagem local.

PALAVRAS CHAVES: Paisagem, Geografia, Cajazeiras - PB

ABSTRACT

Landscape, as an integrative category, constitutes an accessible but little explored teaching tool. Based on the results of Oliveira's research (2022), which highlighted a disconnect between students' perception of the landscape and their experiences, we identified the need to develop pedagogical methodologies that promote a closer and more meaningful relationship between students and the local landscape. The research had as its general objective to contribute to the improvement of Geography teaching through the elaboration of contextualized teaching material, using as a reference the analysis of the landscape surrounding the historic center of Cajazeiras-PB. The specific objectives were to demonstrate the importance of a contextualized approach to landscape in the final years of elementary school. To suggest a historical geographic path as a basis for the elaboration of a teaching resource that helps students understand the local landscape and its surroundings. The methodological approach combined phenomenology and historical-dialectical materialism. The discussion consisted of a bibliographical survey, historical evolution, and analysis of the BNCC, PCN, and PNLD documents. The results: the analysis of the landscape can be done using the analytical categories of form, structure, function, and production process, together with the identity categories of religion and politics. This combination allows learning about how landscapes are constituted and explains them. The textbook addresses the landscape content in general, so the everyday landscape is the responsibility of local educators. The historical evolution of the municipality of Cajazeiras - PB, can be used as teaching material in geography classes. Finally, we propose an alternative teaching resource: a historical geographic route of the local landscape.

KEYWORDS: Landscape, geography, Cajazeiras – PB

LISTA DE FIGURAS

MAPA 01. Mapa de Localização.....	14
IMAGEM 01. Categorias Analíticas.....	25
IMAGEM 02. Livros Didáticos.....	26
IMAGEM 03. Fotos páginas Livros Didáticos.....	27
IMAGEM 04. Tênis clube.....	34
IMAGEM 05. Açude Senador Eptácio Pessoa (Açude Grande)	36
IMAGEM 06. Igreja Nossa Senhora de Fátima.....	38
IMAGEM 07. Praça Nossa Senhora de Fátima.....	39
IMAGEM 08. Prédio da antiga Casa Ypiranga.....	40
IMAGEM 09. Centro comercial.....	41
IMAGEM 10. Calçadão da Tenente Sabino.....	42
IMAGEM 11. Catedral Nossa Senhora da Piedade.....	43
TABELA 01. Fragmentos sobre a importância do conteúdo Paisagem Local no Ensino Fundamental.....	19

SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAEP – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacional

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 METODOLOGIA.....	15
2. EMBASAMENTO TEÓRICO: PAISAGENS COTIDIANAS COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO.	19
3. A ANÁLISE DA PAISAGEM DE FORMA CONTEXTUALIZADA: EXPLICANDO A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM LOCAL	26
3.1 A PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO.....	27
4. UM PERCURSO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PARA A ANÁLISE DA PAISAGEM LOCAL.	33
4.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS, PB.	33
4.2 ANÁLISES DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DO CENTRO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS-PB AO LONGO DO TEMPO, CONSIDERANDO ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS.....	35
4.3 UTILIZAÇÕES DE TECNOLOGIAS DE IMAGEM NA ANÁLISE DA PAISAGEM	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que antes de iniciarmos uma análise da paisagem, é fundamental compreender a sua construção conceitual e sua importância para a Geografia. A paisagem, como categoria de análise geográfica, divide o espaço em partes menores, cada uma com suas características únicas. Essa fragmentação, aliada à dinâmica constante da paisagem, torna-a um objeto de estudo complexo e fascinante. Ao propormos metodologias que utilizam a paisagem como ponto de partida para o ensino de Geografia, é crucial considerar essa complexidade e a necessidade de analisar cada recorte espacial de forma integrada ao todo.

Carl Troll, em 1939, introduziu o conceito de “ecologia da paisagem”, como uma disciplina emergente, destacando a natureza sistêmica das paisagens, que resultam da interação entre os elementos naturais, culturais e sociais. De acordo com Naveh & Lieberman (1984, p. 89, citado por Nucci, 2007). Essa perspectiva nos mostra que as paisagens são mais do que simples cenários: elas são o resultado de processos históricos e sociais que moldam a natureza e são, por sua vez, moldadas por ela. Portanto, ao analisar uma paisagem, é essencial considerar essa complexidade e a interdependência entre seus componentes.

Ao analisar criticamente a paisagem na sociedade capitalista contemporânea, podemos desvendar as formas, estruturas, funções e processos que influenciaram sua configuração atual. Essa abordagem permite compreender como as forças sociais, econômicas e culturais moldam o espaço geográfico e como as paisagens cotidianas são produtos dessas interações complexas.

A paisagem, por ser um elemento presente no cotidiano de todos, representa um recurso didático de fácil acesso. No entanto, a forma como ela é tradicionalmente trabalhada em sala de aula limita seu potencial pedagógico. Ao se concentrar em descrições visuais e em exemplos genéricos, a paisagem é descontextualizada e apresentada de forma simplista, muitas vezes reduzida a uma dicotomia entre natural e cultural, o que não reflete a complexidade das paisagens reais.

A fim de superar a abordagem tradicional e limitada da paisagem, defendemos que ela seja explorada como um conjunto dinâmico e complexo,

formado por elementos interligados da natureza, da cultura e da sociedade. Essa perspectiva permite reconhecer a singularidade de cada paisagem, resultado de uma combinação única desses elementos. Além disso, ao compreender a paisagem como um bem comum, valorizamos sua importância para a coletividade e a necessidade de sua preservação.

Ao compreenderem a dinâmica da paisagem como um conjunto de elementos interligados, os alunos serão capazes de identificar e analisar os objetos materiais que compõem seu entorno e como esses objetos influenciam a construção da história. Essa capacidade de estabelecer um diálogo crítico sobre a realidade material é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência cidadã e para a participação ativa na transformação da sociedade.

Para Furlan (2019), a paisagem é um conceito estruturante da Geografia, presente desde os primórdios da disciplina. Essa perspectiva permite que a paisagem seja utilizada como um recurso pedagógico versátil, possibilitando a exploração de diversos temas, como processos de urbanização e industrialização, aspectos culturais e naturais, tipos de vegetação, clima, relevo e hidrografia. Ao utilizar a paisagem como ponto de partida, professores podem desenvolver atividades que estimulam a criatividade e a capacidade dos alunos de estabelecer conexões entre os diferentes componentes do espaço geográfico.

A paisagem, enquanto categoria geográfica integradora, configura-se como um recurso didático valioso para a abordagem de diversos temas no ensino de Geografia. A escolha dessa categoria para analisar questões do cotidiano, como aspectos culturais e sociais presentes nas paisagens, justifica-se pela sua capacidade de promover uma compreensão mais abrangente e contextualizada da realidade.

Segundo Santos (2021), a paisagem é a parte perceptível do espaço geográfico, fruto da combinação entre as ações humanas e os elementos naturais. Essa interação constante molda o que vemos em nosso entorno. O autor enfatiza essa ideia ao afirmar que 'tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem' (Santos, 2021, p. 67), destacando a importância da paisagem como expressão material da vida social e natural.

A partir das reflexões desses autores, fica evidente que a paisagem é uma categoria fundamental para a compreensão da realidade. A paisagem permeia nosso cotidiano e, por isso, tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento.

A diversidade de abordagens para analisar a paisagem revela a complexidade e a riqueza desse conceito.

1.1 METODOLOGIA

Área de estudo e caracterização

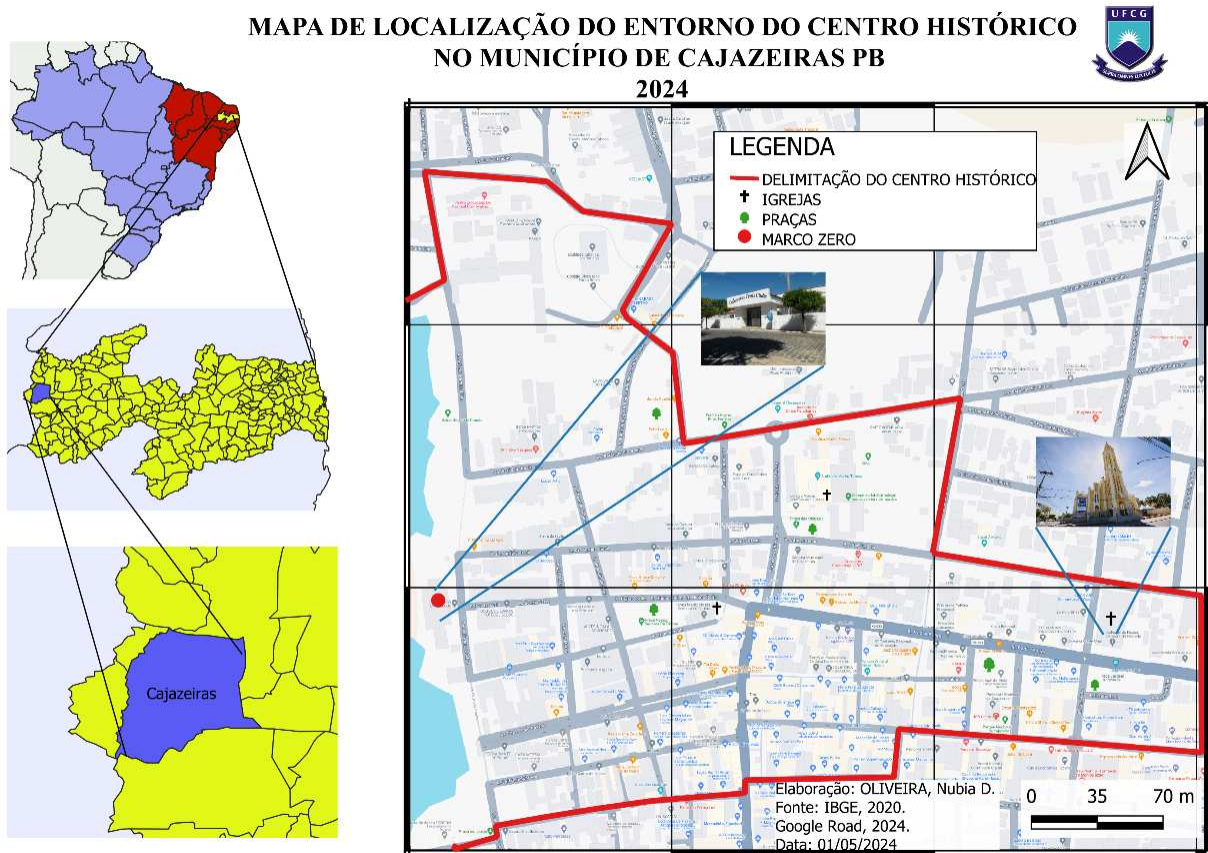
Com o auxílio do Google Maps, definimos a área de estudo deste trabalho como sendo o centro histórico de Cajazeiras-PB, especificamente as ruas Higínio Pires Ferreira, Padre José Tomaz, Calçadão do Tenente Sabino, Joaquim de Souza e Padre Rolim. A análise realizada buscou compreender as características socioculturais presentes nesse espaço, considerando os conceitos de forma urbana, estrutura social, funções das edificações, processos de produção do espaço e as expressões identitárias relacionadas à religião e à política, sob uma perspectiva que integra elementos geográficos, históricos e culturais.

Mapa de localização e dados geográficos

De acordo com dados do IBGE, em 2023, Cajazeiras-PB completou 161 anos de fundação. Situada na região do Alto Piranhas, no extremo oeste paraibano, faz limite com os municípios de Santa Helena, João do Rio do Peixe, São José de Piranhas, Nazarezinho, Bom Jesus e Cachoeira dos Índios. Devido à sua importância econômica e social, Cajazeiras exerce papel de polarização regional, influenciando quinze municípios vizinhos.

Ainda de acordo com o Instituto brasileiro de geografia e estatística IBGE Cajazeiras-PB, situada no nordeste brasileiro, encontra-se no semiárido paraibano. O clima é marcado por altas temperaturas e escassez de chuvas, típico do bioma da Caatinga, com sua vegetação adaptada às condições áridas. O município, inserido no polígono das secas, possui relevo predominantemente plano, característico da Depressão Sertaneja. A hidrografia local é influenciada pela sub-bacia do Rio do Peixe.

Mapa – 01 mapa de localização



Mapa – 01 Fonte: IBGE (2020). mapa de localização do centro histórico do município de Cajazeiras – PB.

O mapa (01) oferece uma visualização da área delimitada como Centro Histórico de Cajazeiras-PB. A linha vermelha demarcada no mapa indica os limites geográficos desse patrimônio cultural, permitindo a identificação de seus principais pontos de interesse.

O mapa (01) por meio de símbolos específicos (cruz para igrejas, árvore para praças e ponto vermelho para o marco zero), evidencia a distribuição espacial de elementos que compõem a identidade urbana de Cajazeiras. A Catedral Nossa Senhora da Piedade, representada por uma cruz e uma imagem fotográfica, destaca-se como um ponto central. A escala gráfica presente no mapa auxilia na estimativa das distâncias entre esses locais de interesse, proporcionando uma visão mais clara da organização espacial do centro histórico. A legenda fornece um guia para a compreensão dos símbolos utilizados.

O mapa do Brasil e do estado da Paraíba, inserido no canto superior esquerdo, contextualiza a localização de Cajazeiras dentro do território nacional.

A inclusão das fotografias do Tênis Clube e da Catedral de Nossa Senhora da Piedade como pontos de partida e chegada do percurso, respectivamente, enriquece a representação visual do mapa, auxiliando na orientação do leitor.

Problemática:

A partir dos resultados da pesquisa de Oliveira (2022), que evidenciou uma desconexão entre a percepção dos estudantes sobre a paisagem e suas vivências, identificamos a necessidade de desenvolver metodologias pedagógicas que promovam uma relação mais próxima e significativa entre os alunos e a paisagem local.

Hipótese:

Acreditamos que a dificuldade dos alunos em perceber a paisagem como algo presente em seu dia a dia está relacionada à forma como os livros didáticos abordam o tema. Ao priorizar uma escala nacional e generalista, esses materiais didáticos desconsideram a importância da paisagem local, dificultando a construção de conhecimentos mais significativos e próximos da realidade dos estudantes.

Objetivos:

Objetivo geral: Contribuir para a melhoria do ensino de Geografia através da elaboração de material didático contextualizado, utilizando como referência a análise da paisagem do entorno do centro histórico de Cajazeiras-PB.

Objetivos específicos:

- Demonstrar a importância de uma abordagem contextualizada da paisagem no ensino fundamental anos finais.
- sugerir um percurso histórico geográfico como base para a elaboração de um recurso didático que auxilie na compreensão da paisagem local e do entorno pelos estudantes.

Percurso metodológico é período da pesquisa

A pesquisa adotou uma abordagem metodológica que combinou a fenomenologia e o materialismo histórico-dialético. A fenomenologia, ao focar nos aspectos subjetivos da experiência espacial, complementou a análise materialista

histórico-dialética, que se concentra nas relações de produção e nas contradições sociais que moldam a paisagem.

A pesquisa teve duração de 16 meses, iniciando em agosto de 2023 e finalizando em dezembro de 2024.

- A primeira etapa da pesquisa consistiu em um levantamento bibliográfico sobre o tema da paisagem, seguido de uma análise dos documentos oficiais que orientam a educação no Brasil, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Essa etapa teve como objetivo identificar as orientações e expectativas para o ensino de paisagem no Ensino Fundamental anos finais.
- A segunda etapa da pesquisa consistiu na análise de cinco livros didáticos de Geografia utilizados no 6º ano do Ensino Fundamental anos finais. Essa análise teve como objetivo compreender como o conceito de paisagem é apresentado e trabalhado nesses materiais, que são recursos didáticos amplamente utilizados nas escolas.
- Na terceira etapa da pesquisa, realizamos um estudo histórico aprofundado sobre a origem e formação do município de Cajazeiras-PB.
- Na quarta etapa, realizamos visitas in loco ao centro histórico de Cajazeiras, onde foram coletadas imagens dos principais pontos utilizando dispositivos móveis.
- Na última etapa da pesquisa, com base nos resultados obtidos, elaboramos uma proposta metodológica para a construção de um percurso geográfico-histórico, a ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem sobre a paisagem de Cajazeiras. Em seguida, procedemos à redação e defesa do trabalho.

Material utilizado

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes materiais: celulares (registro fotográfico), computadores (digitação, pesquisa e produção de materiais), livros (fundamentação teórica) e materiais básicos (caneta e papel).

2. EMBASAMENTO TEÓRICO: PAISAGENS COTIDIANAS COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO.

A paisagem, quando trabalhada de forma didática, pode ser um poderoso instrumento para o ensino de Geografia. Ao analisar as paisagens, os alunos podem compreender como o espaço é produzido socialmente ao longo do tempo, através da apropriação, transformação e atribuição de novos significados aos lugares.

Nosso estudo se aprofundará na identificação dos agentes que moldam e transformam as paisagens. Para tanto, realizaremos uma revisão bibliográfica abrangendo autores clássicos como Lefebvre, Carlos e Santos, bem como pesquisas mais recentes. Além disso, analisaremos documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a fim de compreender como a categoria "paisagem" é tratada nas políticas educacionais brasileiras.

Ao utilizar a paisagem como recurso didático, o ensino de Geografia possibilita aos estudantes, desde as primeiras séries, construir conhecimentos que os capacitem a interpretar e avaliar os processos de transformação do espaço. Essa abordagem permite compreender a paisagem como um sistema complexo e dinâmico, resultado da interação entre elementos naturais e sociais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a relevância da paisagem como objeto de conhecimento para a formação integral do estudante. Ao estudar a paisagem, os alunos são estimulados a desenvolver habilidades de leitura crítica, permitindo-lhes analisar os processos históricos que moldaram o espaço e compreender as diferentes culturas e sociedades que o habitam.

A riqueza cultural, regional e territorial do Brasil nos convida a construir uma sociedade mais justa e democrática. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância de formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de participar ativamente da vida em sociedade. Nesse sentido, o ensino de Geografia desempenha um papel fundamental, ao promover o desenvolvimento do senso de pertencimento dos alunos, incentivando-os a reconhecer a si mesmos e suas relações com a família, a comunidade e o mundo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de utilizar a paisagem como um recurso didático para promover a integração e o senso de pertencimento dos estudantes. Ao analisarem os elementos que compõem a paisagem, os alunos podem compreender as relações entre natureza e sociedade, valorizando a diversidade cultural e ambiental. Essa abordagem contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel na construção de um futuro mais sustentável.

Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros. (BNCC 2017, p. 355)

O ensino em geografia na educação básica visa desenvolver o pensamento espacial através da geografia, devem conseguir observar, descrever, representar e interpretar o mundo em permanente transformação. Fazendo a correlação dessas transformações entre sociedade e natureza.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância do domínio dos conceitos geográficos para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes em analisar e pesquisar informações geográficas. O uso preciso desses conceitos é essencial para que os alunos compreendam as dinâmicas espaciais e as relações entre os fenômenos geográficos.

De acordo com Silva (2019), a forma como cada indivíduo percebe o mundo é única e moldada pelas suas experiências pessoais. As paisagens do cotidiano, representadas em pinturas, fotos, vídeos e outras mídias, servem como referências para a construção dessas percepções. Ao analisar essas representações, as pessoas adquirem as competências necessárias para interpretar e compreender as complexas dinâmicas do espaço geográfico, filtrando as informações de acordo com suas próprias experiências e conhecimentos.

A imagem, desenho, foto, acompanha o desenvolvimento intelectual desde educação infantil, esse recurso é amplamente usado nas metodologias de ensino, na geografia considerado um recurso fundamental.

Em seu cotidiano, por exemplo, elas desenham familiares, enumeram relações de parentesco, reconhecem-se em fotos (classificando-as como antigas ou recentes), guardam datas e fatos, sabem a hora de dormir, de ir para a escola, negociam horários, fazem relatos orais, revisitam o passado por meio de jogos, cantigas e brincadeiras ensinadas pelos mais velhos, posicionam-se criticamente sobre determinadas situações, e tantos outros. (BNCC 2017, p.363).

A sala de aula pode ser um espaço de descoberta e aprendizado sobre a paisagem, utilizando recursos didáticos variados e acessíveis. Ao explorar diferentes representações da paisagem, como fotos, vídeos e mapas, os alunos podem desenvolver habilidades de observação, análise e interpretação, aprofundando seus conhecimentos sobre o espaço geográfico e suas relações com a sociedade. A valorização do cotidiano e a interação com a paisagem, através da identificação de suas características particulares, são essenciais para a construção de uma consciência crítica e reflexiva sobre o mundo ao redor.

A tabela (01) reúne excertos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os quais explicitam as orientações para o trabalho com a categoria "paisagem" no ensino fundamental anos finais. Esses documentos norteadores oferecem subsídios para a elaboração de práticas pedagógicas que promovam a compreensão dos alunos sobre a complexidade das paisagens e suas relações com a sociedade.

Tabela – 01 Fragmentos extraídos dos documentos oficiais que orientam a educação básica no Brasil: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

BNCC	PCN	PNLD
<p>4.4.1.2. GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: UNIDADES TEMÁTICAS, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES.</p> <p>Para tanto, no 6º ano, propõe-se a retomada da identidade sociocultural, do reconhecimento dos lugares de vivência e da necessidade do estudo sobre os diferentes e desiguais usos do espaço, para uma tomada de consciência sobre a escala da interferência humana no planeta. (BNCC 2017, p.377).</p>	<p>A Geografia, na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para compreensão e intervenção na realidade social.</p> <p>Conhecer e compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, presentes na paisagem local e em paisagens urbanas e rurais; (PCN 2001, p.144).</p>	<p>O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas</p>

		com o Poder Público. (portal. mec.gov.br).
Trata-se, portanto, de compreender o conceito de natureza; as disputas por recursos e territórios que expressam conflitos entre os modos de vida das sociedades originárias e/ou tradicionais; e o avanço do capital, todos retratados na paisagem local e representados em diferentes linguagens, entre elas o mapa temático. (BNCC 2017, p.377).	A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes espaços geográficos; como os fenômenos que constituem as paisagens se relacionam com a vida que as anima. Para tanto, é preciso observar, buscar explicações para aquilo que, numa determinada paisagem, permaneceu ou foi transformado, isso é, os elementos do passado e do presente que nela convivem e podem ser compreendidos mediante a análise do processo de produção/organização do espaço. (PCN 2001, p.109).	PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros. (portal. mec.gov.br).
GEOGRAFIA – 6º ANO UNIDADES TEMÁTICAS OBJETOS DE CONHECIMENTO O sujeito e seu lugar no mundo. Identidade sociocultural (BNCC 2017, p.380). HABILIDADES (EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos (BNCC 2017, p.381).	Pensar sobre essas noções de espaço pressupõe considerar a compreensão subjetiva da paisagem como lugar: a paisagem ganha significado para aqueles que vivem e a constroem. As percepções que os indivíduos, grupos ou sociedade têm do lugar nos quais se encontram e as relações singulares que com ele estabelecem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico. (PCN 2001, p. 110).	A execução do PNLD é realizada de forma alternada. São atendidos em ciclos diferentes os quatro segmentos: educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Os seguimentos não atendidos em um determinado ciclo recebem livros, a título de complementação, correspondentes a novas matrículas registradas ou à reposição de livros avariados ou não devolvidos (portal. mec.gov.br).
	APRENDER E ENSINAR GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL A paisagens local, o espaço vivido pelos alunos deve ser objeto de estudo ao longo dos dois primeiros ciclos. Entretanto, não se deve trabalhar do nível local ao mundial hierarquicamente: o espaço vivido pode não ser o real imediato, pois são muitos e variados os lugares	

	<p>com os quais os alunos têm contato e, sobretudo, que são capazes de pensar sobre. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho que deve ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais. (PCN 2001, p. 115,116).</p>	
--	--	--

Tabela (01).

A análise dos fragmentos da Tabela (01), extraídos da BNCC, PCN e PNLD, revela que a paisagem local, sendo o espaço vivido pelos alunos, deve ser o foco do ensino de Geografia. Essa abordagem permite construir conhecimentos de forma contextualizada, considerando as particularidades de cada local e estabelecendo conexões com as dinâmicas em escala global.

A educação básica deve promover a compreensão da conexão entre o local e o global. Os documentos curriculares defendem que o estudo da paisagem não se limite à descrição de elementos naturais e culturais, mas que explore a dinâmica entre sociedade e natureza, situando-a em diferentes contextos espaciais e temporais.

Para Santos (2021) a paisagem pode ser interpretada dependendo de onde ela é observada:

Nossa visão depende da localização em que se está, se no chão, em andar baixo ou alto de um edifício, num miradouro estratégico, num avião... A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos, segundo o lugar onde estamos, ampliando-se quanto mais se sobe em altura, porque desse modo desaparecem ou se atenuam os obstáculos à visão, e o horizonte vislumbrado não se rompe. (Santos, 2021, p.68).

A maneira como percebemos a paisagem é influenciada por diversos fatores, como a escala de observação, a localização e o conhecimento prévio de cada indivíduo. Um arquiteto, por exemplo, tende a focar nos aspectos construídos da paisagem, enquanto um geógrafo busca compreender as relações entre os elementos naturais e sociais. Os estudantes, por sua vez, interpretam a paisagem com base nos conhecimentos que adquirem na escola. É importante ressaltar que a realidade da paisagem é multifacetada e em constante transformação, ultrapassando as percepções individuais.

Para Santos (2012), a compreensão do espaço social exige a análise de quatro elementos inseparáveis: forma, estrutura, função e processos. Esses elementos, em conjunto, definem a interpretação do espaço e de suas transformações.

O espaço social, como toda realidade social, é definido metodologicamente e teoricamente por três conceitos gerais: a forma, a estrutura e a função. Isso significa que todo espaço social pode ser o objeto de uma análise formal, estrutural e funcional (Lefebvre, 1974, p. 172). Entretanto, seria um erro conduzir cada uma dessas análises separadamente. A interpretação de um espaço ou de sua evolução só é possível por meio de uma análise global que possa combinar simultaneamente estas três categorias analíticas – forma, estrutura, função – porque a relação é não só funcional como estrutural. Lefebvre (1961, p. 161), por sua vez, considerava que forma, estrutura e função “conseguem identificar – se completamente e são consideradas mais ou menos equivalentes aos termos de ‘todo’ existente ou uma ‘totalidade’”. (Santos, 2012, p. 54,55).

Segundo Santos (2012), para compreendermos a complexidade do espaço social, que se manifesta em uma infinidade de paisagens, é fundamental analisarmos os elementos que as constituem de forma integrada. Forma, estrutura, função e processos são categorias interdependentes que, quando analisadas em conjunto, nos permitem entender a totalidade dos acontecimentos históricos e sociais que originaram e moldaram cada paisagem.

Carlos (2007), identifica três setores que moldam o espaço urbano: econômico, político e social. Inspirados por essa perspectiva, este estudo aprofunda a análise, incluindo a dimensão religiosa, especificamente a influência da Igreja Católica Apostólica Romana. Ao assim proceder, buscamos, tal como Carlos, desvendar os complexos processos que dão forma ao espaço urbano.

Podemos adiantar que a análise deve captar o processo em movimento e, no mundo moderno, esta orientação sinaliza a articulação indissociável de três planos: o econômico (a cidade produzida como condição de realização da produção do capital - convém não esquecer que a reprodução das frações de capital se realizam através da produção do espaço), o político (a cidade produzida como espaço de dominação pelo Estado na medida em que este domina a sociedade através da produção de um espaço normatizado); e o social (a cidade produzida como prática socioespacial, isto é, elemento central da reprodução da vida humana). Esses três planos revelam dimensões, como aquelas de local e global; tendo como pano de fundo o processo de mundialização da sociedade, enquanto constituição da sociedade urbana / espaço mundial. (Carlos 2007, p. 21).

De acordo com Carlos (2007). No espaço da cidade é possível verificar a ação do capital econômico, moldando a paisagem ao longo do tempo, a ação do

Estado através de políticas públicas, que constroem e organizam os espaços comuns. E o principal a cidade como produto da prática social.

3. A ANÁLISE DA PAISAGEM DE FORMA CONTEXTUALIZADA: EXPLICANDO A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM LOCAL

De acordo com a base nacional comum curricular BNCC, o ensino e aprendizagem na área do conhecimento geográfico, e o conteúdo paisagem, está presente durante todas as etapas da educação básica, mas no 6º ano do ensino fundamental anos finais, os educandos devem possuir habilidade de “comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos” (BNCC 2017, p. 381).

Tomando por base essa habilidade, iremos construir uma análise do espaço tempo da paisagem do entorno do centro histórico de Cajazeiras-PB. Considerado os processos produtivos da sociedade capitalista.

As paisagens são como fotografias que retratam a história de um lugar. Ao observar as marcas deixadas pelos diferentes usos do espaço ao longo do tempo, podemos desvendar os processos sociais e econômicos que moldaram a sociedade.

As transformações que ocorrem nas paisagens são resultado da interação entre fatores naturais e sociais. Processos geomorfológicos, climáticos e biológicos, como a erosão, as chuvas e a ação da vegetação, modelam o relevo e a hidrografia, deixando suas marcas nas paisagens. Paralelamente, as ações humanas, influenciadas por aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, também transformam o espaço. As crenças, os costumes, as formas de organização social e as atividades econômicas moldam a paisagem, deixando suas marcas na organização do espaço e na construção do ambiente construído.

A categoria "paisagem" é explorada em todos os anos do Ensino Fundamental, sendo essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência cidadã dos alunos. A paisagem local, por suas particularidades e por fazer parte do cotidiano dos estudantes, é um ponto de partida privilegiado para a compreensão dos processos de transformação do espaço e das relações entre sociedade e natureza.

Para Santos (2013), a paisagem pode ser analisada a partir das categorias analíticas forma, estrutura, função levando sempre em consideração o processo produtivo, tanto Santos, como Lefebvre, faz uso desses conceitos para explicar as forças que movem e determinam a transformação do espaço, dando origem ao

espaço geográfico. Na imagem (01) podemos visualizar como essas categorias estão intimamente ligadas na formação da paisagem.

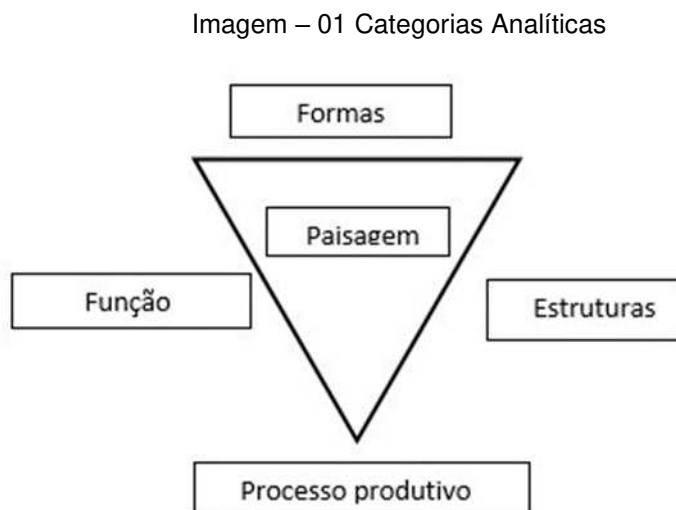


Imagem – 01 Arquivo pessoal (elaborado a partir dos estudos sobre o tema). Categorias Analíticas indissociáveis presentes nas paisagens.

O termo “paisagem” é datado do século XIX, e o geobotânico Alexandre Von Humboldt, foi o primeiro a defini-lo, mas a paisagem é motivo de manifestações desde épocas remotas, pelo seu caráter expositivo, do que pode ser contemplado pela visão ou pelos outros sentidos. (Nucci, 2007).

Como nos alude Santos, (2012) os objetos que compõem a paisagem não conseguem explicasse por si só, sendo necessária a análise dos processos e contribuição da sociedade Capitalista na formação da paisagem.

3.1 A PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO

Realizamos a análise de alguns exemplares de livros didáticos. sendo eles: Teláris geografia / Vesentini, Vlach, (2018). Expedições geográficas / Melhem Adas, Sergio Adas, (2018). Geografia: território e sociedade / Lucci, Branco, Fugii, (2018). Araribá mais: geografia / obra coletiva concebida, editor responsável Cesar Brumini Dellore. (2018). Geografia geral e do Brasil / Sena, Moreira (2018). Abaixo temos imagens extraídas desses livros didáticos:

A imagem (02) temos algumas das páginas dos livros didáticos que usamos para dar vida a essa pesquisa, essas ilustrações mostram como a paisagem é tratada nesse recurso didático.

Imagem - 02 Livros Didáticos



Imagem – 02 Fonte: Programa nacional do livro didático, PNLD (2018). Livros Didáticos do 6º ano do ensino fundamental anos finais trabalhando o conteúdo paisagem.

A imagem (03) apresenta um recorte das paisagens culturais urbanas de Salvador e Recife, duas importantes capitais nordestinas. A análise dos livros didáticos revela uma tendência a priorizar a representação das principais cidades brasileiras, com destaque para aquelas que concentram maior parte da população e da atividade econômica do país.

Ao tratarem das paisagens naturais, os livros didáticos demonstram uma preferência por paisagens de grande destaque geográfico, como a Chapada Diamantina e os manguezais de Fortaleza. Essa escolha, embora justifique a importância desses locais para o estudo da Geografia, pode distanciar os estudantes da realidade de suas próprias paisagens locais, limitando a compreensão das dinâmicas naturais mais próximas de seus cotidianos.

Imagem - 03 Fotos páginas de Livros Didáticos

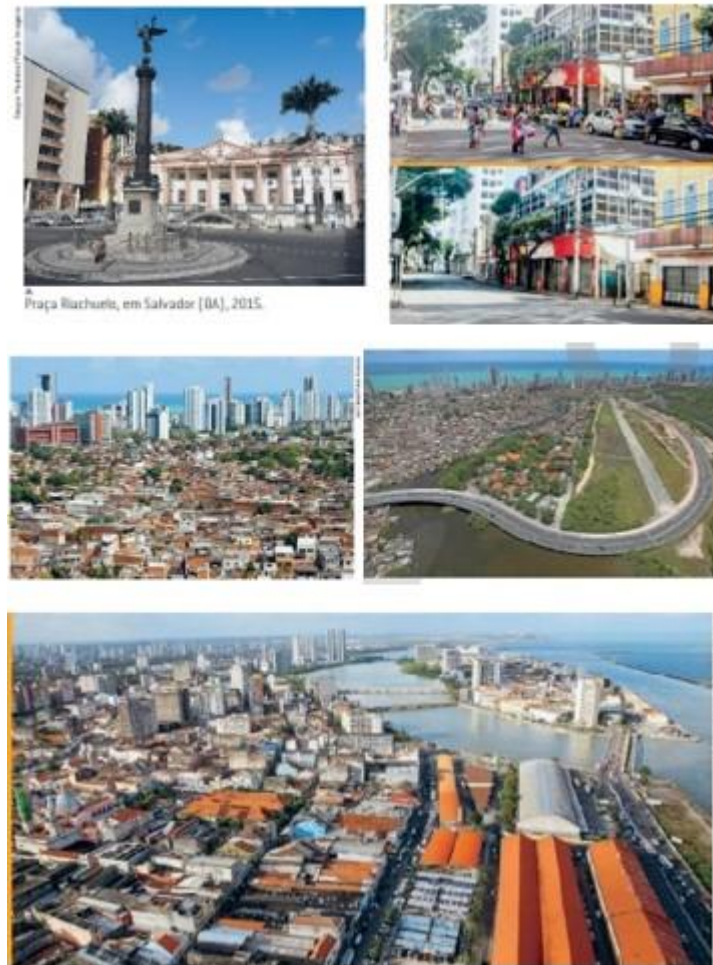


Imagem – 03 Fonte: Programa nacional do livro didático, PNLD (2018). Fotos páginas de Livros Didáticos do 6º ano do ensino fundamental anos finais.

O tema "paisagem" é tratado de forma aprofundada em um capítulo exclusivo em todos os livros analisados. Os conteúdos abordados nesse capítulo englobam conceitos como paisagem natural e cultural, região e território, espaço geográfico, além de explorar a relação entre a natureza e a ação humana na transformação das paisagens. A utilização de infográficos e a discussão sobre questões como escala e desigualdade social complementam a abordagem do tema.

O tema "paisagens" é tratado de forma completa e atrativa nos livros analisados. A utilização abundante de imagens, gráficos e exemplos de diferentes tipos de paisagens enriquece a compreensão dos estudantes sobre a diversidade do espaço geográfico. Essa abordagem está em conformidade com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A análise dos livros didáticos revela um desequilíbrio na representação das paisagens brasileiras, com cerca de 80% das imagens concentradas na região Sudeste. Apesar do PNL D buscar uma abordagem nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais concedem autonomia às escolas para complementar o material didático com elementos que reflitam a realidade local, como as características regionais, culturais e sociais das paisagens.

A adaptação dos materiais didáticos para incluir a análise das paisagens cotidianas é fundamental para promover um aprendizado significativo da Geografia. Ao relacionar os conteúdos com a realidade dos estudantes, é possível desenvolver um conhecimento mais profundo sobre a produção do espaço e fortalecer o sentimento de pertencimento aos seus lugares.

Lefebvre (2001), defende que a forma física da cidade, sua morfologia, é um direito de todos os seus habitantes. O centro urbano, por exemplo, é um espaço comum que deve ser acessível a todos. Santos (2012), por sua vez, destaca que a paisagem é resultado de um processo histórico complexo, sendo moldada por diferentes épocas e acontecimentos. Essa acumulação histórica torna cada paisagem única e singular.

A educação emancipadora deve nos ensinar a valorizar e a compreender a paisagem onde vivemos. Assim como uma casa bem construída oferece segurança e conforto, uma relação saudável com a paisagem proporciona bem-estar e identidade. Cada paisagem é um livro aberto, contando a história de seus habitantes e as transformações pelas quais passou.

Os livros didáticos, ao se limitarem à descrição de elementos culturais e naturais da paisagem, deixam de lado a dimensão histórica e social que a caracteriza. Essa abordagem contrasta com a perspectiva de Santos, que defende a necessidade de analisar a paisagem como resultado de um processo histórico complexo, marcado pela ação de diversas forças sociais.

A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado. A noção de escala é igualmente importante, pois, se o espaço é total, a paisagem não o é. Não se pode falar de paisagem total, pois o processo social de produção é espacialmente seletivo. (Santos 2001, P. 59, 60).

A LDB, Lei de diretrizes e base da educação brasileira, prever que os conhecimentos a ser construídos pela escolarização básica devem considerar as características locais e regionais.

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

A educação geográfica deve considerar as particularidades de cada região, incluindo cultura local e aspectos socioeconômicos. A análise das paisagens do entorno é fundamental, pois permite que os estudantes reconheçam o lugar onde vivem, compreendam os processos produtivos locais e estabeleçam uma relação mais significativa com o conhecimento adquirido.

Uma das limitações encontradas nos livros didáticos está na falta de contextualização das imagens. As paisagens retratadas, na maioria das vezes, são distantes da realidade dos estudantes, dificultando a construção de relações entre o conteúdo e o seu cotidiano. Embora os textos sejam ricos em informações e exemplos, a abordagem geral e a ausência de imagens locais limitam a capacidade dos alunos de se identificarem com o material.

Segundo Lefebvre, cada elemento que compõe a configuração de uma cidade, desde os edifícios até as ruas e espaços públicos, possui um significado próprio e transmite uma mensagem carregada de informações sobre a história, a cultura e a sociedade que a moldaram.

Não há forma sem conteúdo. Não há conteúdo sem forma. Aquilo que se oferece a análise é sempre uma unidade entre a forma e o conteúdo. A análise rompe a unidade. Faz aparecer a pureza da forma, e a forma remete ao conteúdo. A unidade indissolúvel e, no entanto, rompida pela análise, é conflitante (dialética). (Lefebvre 2001, p.91).

Lefebvre nos convida a enxergar as formas urbanas como símbolos que expressam a vida social. Através delas, podemos compreender como as pessoas pensam, sentem e se relacionam com o espaço. As formas não são apenas o resultado de processos materiais, mas também carregam em si um conteúdo imaterial, que é produto da história e da cultura.

É uma espécie de crivo que serve para decifrar as relações entre o real e o pensamento. Este quando (provisório, passível de ser revisto) vai do mais abstrato ao mais concreto, e por conseguinte do menos imediato ao mais imediato. Cada forma se apresenta em sua dupla existência, mental e social. (Lefebvre 2001, p. 92).

A partir dos teóricos analisados, podemos inferir que a paisagem possui um grande potencial didático no ensino básico. Ela pode ser explorada de forma mais sistemática para promover a compreensão de aspectos culturais, históricos e identitários, fortalecendo o senso de pertencimento dos estudantes a seus respectivos lugares.

A análise da paisagem local, por meio de imagens, é uma estratégia eficaz para promover a compreensão dos estudantes sobre os elementos culturais, históricos e identitários de seu entorno. A delimitação da área de estudo permite um aprofundamento maior nos aspectos específicos de cada local.

Ao explorar o centro histórico, podemos identificar o ponto de partida da construção da cidade, onde a natureza deu lugar ao espaço construído. Nesse local, são visíveis as marcas do desenvolvimento capitalista e as expressões das diversas identidades que moldaram a cidade, como a política e a religião. A diferenciação entre o valor de uso e de troca do espaço, presente no comércio local, é um exemplo claro dessas dinâmicas.

4. UM PERCURSO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PARA A ANÁLISE DA PAISAGEM LOCAL.

Com o objetivo de documentar as transformações da paisagem local, promovidas pelo processo de produção capitalista, realizamos um trabalho de campo para coletar imagens do entorno do centro histórico. As fotografias selecionadas atendem a critérios específicos, que visam destacar as mudanças ocorridas na área.

A partir da análise de imagens da paisagem local, utilizando as categorias de forma, estrutura, função e processo produtivo, elaboramos um material didático para as aulas de Geografia. Esse material visa estimular a construção do conhecimento sobre a realidade local, promovendo a compreensão das relações entre os elementos da paisagem e os processos que a moldam.

Através da análise das imagens, observa-se como o processo produtivo capitalista, ao apropriar-se dos meios de produção e do espaço geográfico, transforma a paisagem urbana. A religião católica, presente desde a fundação do município, mantém uma forte influência na paisagem, especialmente através de seus edifícios e símbolos. Paralelamente, o capitalismo, com sua lógica de acumulação, apropria-se dos elementos da paisagem para fins comerciais, impactando a infraestrutura urbana e a organização do espaço. A política, por sua vez, influencia a forma como os espaços de uso coletivo são organizados e utilizados.

4.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAJAZEIRAS, PB.

Conforme Rolim (2010), o centro histórico de Cajazeiras-PB foi oficialmente reconhecido e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) em 28 de junho de 2004, através do Decreto nº 25.140. Essa área abriga um conjunto de edificações e monumentos de grande importância para a memória e a identidade dos cajazeirenses.

Conforme Albuquerque (2010), o processo de povoamento de Cajazeiras teve início no século XVIII, quando Francisco Gomes de Brito recebeu uma sesmaria na

região. Posteriormente, essas terras foram transmitidas a Vital de Sousa Rolim, através de seu casamento com Ana Francisca de Albuquerque. Foi nessa área que Rolim estabeleceu uma fazenda de gado, núcleo inicial do que viria a ser a cidade de Cajazeiras.

Em 1800, a família Rolim iniciou o povoamento do sítio Cajazeiras com a construção da primeira casa. De acordo com Gonçalves (2014), em 1825, a matriarca da família, Ana Francisca, concluiu a construção de um oratório dedicado a Nossa Senhora da Piedade, materializando assim o antigo sonho de ter um filho sacerdote, o qual veio a ser realizado.

Conforme Gonçalves (2014), Inácio de Sousa Rolim, nascido em 22 de agosto de 1800, no município de Cajazeiras, Paraíba, foi ordenado sacerdote em 2 de outubro de 1825, na cidade de Olinda, Pernambuco. Retornando à sua terra natal em 1829, o então Padre Rolim, com o auxílio de seus familiares, empreendeu a transformação de um oratório local em uma capela, dando início a um importante marco religioso na região.

De acordo com Albuquerque (2010), em 1829, o Padre Inácio de Sousa Rolim fundou a primeira escola do vilarejo, iniciando as atividades educacionais. Apesar do pequeno número inicial de alunos, a escola cresceu e se tornou um motor para o desenvolvimento econômico de Cajazeiras. Atualmente, a cidade possui uma economia voltada para o setor educacional, o que impulsiona o comércio local.

A expansão da escola fundada pelo Padre Rolim atingiu um marco significativo em 1836. Conforme Albuquerque (2010), nesse ano, a instituição educacional foi transferida para um prédio mais amplo, localizada próximo à capela dedicada à Nossa Senhora da Piedade, construída por sua mãe, Ana Francisca. Essa decisão demonstrava a visão de futuro do Padre Rolim e a importância que ele atribuía à educação. Atualmente, o local onde se encontrava a antiga capela abriga a Matriz de Nossa Senhora de Fátima, um testemunho vivo da história religiosa e educacional de Cajazeiras.

No ano de 1843, o Padre Rolim, vislumbrando a necessidade de expandir os horizontes educacionais da região, solicitou e obteve autorização do presidente da província para transformar sua escola em um colégio de instrução secundária. A partir dessa iniciativa, o estabelecimento passou a ser denominado Colégio Padre Rolim e logo se tornou referência em ensino de qualidade, atraindo estudantes de estados vizinhos como Ceará, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e

Maranhão. O colégio desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da cidade de Cajazeiras, contribuindo para seu crescimento e consolidação como um importante centro cultural e econômico da região.

Em 1858, demonstrando seu compromisso com a educação de todos, o Padre Rolim estabeleceu uma escola particular destinada ao público feminino, complementando assim a oferta educacional do Colégio Padre Rolim, que até então atendia apenas aos meninos. A nova instituição de ensino foi instalada em um prédio anexo ao colégio. Com o passar dos anos, as instalações foram reorganizadas: o Colégio Padre Rolim passou a funcionar no prédio original, enquanto a escola feminina ocupou a antiga sede do colégio, dando origem ao atual Diocesano.

A escola particular para mulheres, criada por Padre Rolim em 1858, evoluiu e, atualmente, é conhecida como Colégio Nossa Senhora de Lurdes. Essa instituição de ensino, que iniciou suas atividades em um prédio anexo ao Colégio Padre Rolim, mantém-se ativa e recebe alunos de várias cidades da região de Cajazeiras - PB, consolidando-se como um importante polo educacional na região.

A cidade de Cajazeiras experimentou um notável crescimento em menos de meio século, passando por diversas etapas de desenvolvimento. Inicialmente um pequeno povoado, logo se elevou à categoria de vila. Em seguida, tornou-se sede de comarca e, por fim, alcançou o status de cidade.

4.2 ANÁLISES DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DO CENTRO HISTÓRICO DE CAJAZEIRAS-PB AO LONGO DO TEMPO, CONSIDERANDO ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS.

Para este estudo, foram selecionados elementos da paisagem urbana de grande importância histórica e geográfica, tais como prédios, edificações, praças e ruas. São eles:

- Tenis clube
- Açude Senador Epitácio Pessoa (Açude Grande)
- Matriz Nossa Senhora de Fatima
- Praça Nossa Senhora de Fatima

- Prédio da antiga casa Ypiranga
- Centro comercial
- Calçadão Tenente Sabino
- Catedral Nossa da Piedade

Através de registros fotográficos, documentamos a paisagem do centro histórico com o objetivo de analisarmos em detalhe suas formas, estruturas, funções e processos de construção.

A primeira imagem (04) a ser analisada representa um marco inicial da cidade: o Tênis Clube. De acordo com a historiadora Rolim (2010), suas instalações atuais foram construídas em 1954, localizando-se às margens do Açude Senador Epitácio Pessoa, popularmente conhecido como Açude Grande.

Anteriormente ao Tênis Clube, neste local encontrava-se a casa da fazenda da família Rolim, que serviu como núcleo inicial do povoado que deu origem à cidade de Cajazeiras-PB. Conforme Rolim (2010), a tentativa de demolir esta construção histórica gerou manifestações populares, porém, interesses econômicos superaram a preservação do patrimônio.

Imagem - 04 Tênis clube



Imagem 04 - Foto arquivo pessoal. Tênis clube, local onde ficava as instalações da casa da família do Padre Rolim, ponto inicial do percurso geográfico histórico.

A imagem (04) funciona como uma janela para o passado, permitindo-nos acompanhar as transformações ocorridas no local ao longo do tempo. A análise de

seus elementos visuais revela mudanças significativas em termos de uso, forma, estrutura e função.

A transformação radical observada na imagem é um claro exemplo da dinâmica da paisagem, que se encontra em constante mutação devido à influência de processos históricos, naturais e antrópicos.

O espaço, que outrora serviu como moradia e núcleo inicial do desenvolvimento urbano, foi radicalmente transformado para abrigar um clube social, restrito a seus associados. Essa profunda alteração resultou na perda de suas características originais, sendo possível vislumbrar sua forma inicial apenas através de registros históricos.

As paisagens urbanas são dinâmicas e sofrem modificações ao longo do tempo para atender às novas necessidades sociais. O clube em questão, que segundo Rolim (2010), foi um importante centro de sociabilidade nas décadas de 1970 e 1980, abrigando eventos como carnavais e bailes de debutantes, atualmente encontra-se em estado de decadência, evidenciando as transformações ocorridas na estrutura social e econômica da cidade.

A análise da imagem (04) revela a dinâmica da transformação espacial sob a influência do capital. Conforme a teoria de Marx (1988), o valor de uso e o valor de troca determinam a forma e a função dos espaços, moldando-os para atender aos interesses do sistema produtivo. Essa lógica, comum nas áreas urbanas, torna-se evidente ao observarmos a imagem em questão,

Também é debatido por Lefebvre (2010), quando ele fala sobre o espaço como um campo de lutas sociais, onde os interesses de diferentes grupos se confrontam.

A própria cidade é uma obra, e esta característica contesta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer do prestígio, enormes riquezas, em objetos e em dinheiro). (Lefebvre 2010, p. 12).

A demolição de um edifício histórico para a construção de um clube ilustra de forma contundente a dinâmica do sistema produtivo vigente, como analisado por Marx e Lefebvre. Essa ação revela a prevalência do valor de troca sobre o valor de uso, evidenciando a lógica capitalista de valorização do espaço urbano.

A imagem (05) apresenta um açude cuja origem histórica, de acordo com os estudos de Souza Júnior (2020), está intrinsecamente ligada à construção da casa da fazenda, datada de aproximadamente 1804.

Nas suas origens, o açude apresentava dimensões reduzidas, tendo sido projetado para atender às demandas da fazenda e da pequena comunidade local.

De acordo com Souza Júnior (2020), o aumento populacional e a consequente elevação da demanda por água, especialmente em períodos de estiagem, tornaram necessária a ampliação do açude. Em 1915, o Governo Federal investiu na expansão do reservatório, visando atender aos cerca de 4.000 habitantes e 458 domicílios que compunham a cidade de Cajazeiras-PB, já com um comércio local consolidado.

A forma básica do açude permaneceu inalterada, contudo, a estrutura sofreu modificações que o transformaram em um reservatório superficial de maior capacidade. A visível ampliação do reservatório levou a população a denominá-lo de "açude grande".

Imagem - 05 Açude Senador Epitácio Pessoa (Açude Grande)



Imagem 05 - Foto arquivo pessoal. Açude Senador Epitácio Pessoa (Açude Grande) com forma, estrutura e funcionalidade parcialmente modificada.

Até 1964, o açude desempenhava a função de abastecer a população com água. Contudo, o crescimento demográfico da cidade, ao longo dos anos, gerou uma demanda por água que superou a capacidade do reservatório.

O acelerado e desorganizado crescimento urbano nas proximidades do açude ocasionou o lançamento de esgoto doméstico nas suas águas, comprometendo sua qualidade e tornando-a imprópria para o consumo humano.

Localizada nas margens do açude (imagem 05), a Praça do Leblon se destaca como um ponto de encontro para a população local, atraída pela beleza do pôr do sol. O espaço é amplamente utilizado para a prática de atividades físicas, tais como caminhadas, danças, aeróbica e esportes coletivos como futsal, vôlei e basquete, além de oferecer espaço para a prática de skate. Dessa forma, a praça se configura como um importante centro de lazer e recreação para a comunidade.

O corpo d'água do açude atua como um regulador térmico, influenciando a temperatura do ambiente e das áreas urbanas adjacentes.

Conforme a historiadora Gonçalves (2014), a formação religiosa de Cajazeiras teve início com a matriarca da família Rolim, uma mulher de profunda fé. Motivada pelo desejo de obter as bênçãos divinas para sua família, decidiu construir um oratório nas proximidades de sua residência, permitindo-lhe contemplá-lo a partir da janela de sua casa.

A realização do projeto de Ana Francisca de Albuquerque se concretizou com a ordenação sacerdotal de seu filho e a elevação do oratório à categoria de capela. Dessa forma, os três pilares fundamentais para a constituição do povoado foram estabelecidos: a economia, sustentada pela criação de gado adaptado às condições locais; a religião, representada pela Capela de Nossa Senhora da Piedade; e a educação, proporcionada pelo Colégio do Padre Rolim. (Gonçalves, 2014)

A imagem (06) retrata a atual configuração arquitetônica do antigo oratório, que ao longo do tempo evoluiu para capela e, posteriormente, para Igreja Matriz. Embora tenha sido originalmente dedicada à Nossa Senhora da Piedade, a igreja atualmente é consagrada a Nossa Senhora de Fátima.

Imagem 06 - Igreja Nossa Senhora de Fátima



Imagem - (06) arquivo pessoal. Igreja Nossa Senhora de Fátima, local onde foi erguido o oratório dedicado à Nossa Senhora da Piedade.

Conforme evidenciado pela imagem (06), a Matriz guarda um tesouro histórico: os restos mortais de Padre Inácio de Sousa Rolim, personalidade crucial para a formação de Cajazeiras-PB.

Segundo Rolim (2010), com a criação da Diocese em 1914, a igreja foi elevada à categoria de Catedral. Essa condição perdurou até 1957, ano em que a construção de um novo templo, consagrado a Nossa Senhora da Piedade, possibilitou a transferência da sede diocesana para um edifício de maiores dimensões.

Sob a perspectiva geográfica, a evolução do oratório para uma igreja com uma estrutura mais complexa, conforme descrito por Rolim (2010), gerou uma série de modificações arquitetônicas. Essas alterações, tanto em seus aspectos internos quanto externos, culminaram em uma descaracterização da forma original do edifício.

Segundo Rolim (2010), a Praça Nossa Senhora de Fátima, cujo aspecto atual pode ser observado na imagem (07), localiza-se no pátio da Igreja Matriz e detém o título de primeira praça da cidade. Ao longo da história, esse espaço tem sido um importante ponto de encontro para a comunidade cajazeirense.

Originalmente, a estrutura da praça era bastante simples, caracterizada pela presença de um cruzeiro. No entanto, em 1930, a praça sofreu uma significativa transformação com a adição de um coreto, bancos e a implantação de um paisagismo, alterando consideravelmente sua fisionomia.

A estrutura da praça, conforme a conhecemos hoje e observamos na imagem (07), foi concluída em 1952, após passar por diversas etapas de construção e adaptação.

Imagem 07 - Praça Nossa Senhora de Fátima



Imagem - 07 arquivo pessoal. Praça Nossa Senhora de Fátima com formas e estrutura totalmente modificada.

A paisagem urbana, ao longo do percurso, apresenta uma interessante combinação de edificações antigas e modernas. Conforme aponta Santos (2021), os prédios mais antigos podem ser entendidos como "formas viúvas", ou seja, vestígios de um passado que coexistem com o presente. Essa característica de sobreposição de diferentes momentos históricos é uma marca distintiva das paisagens urbanas.

Conforme os estudos de Albuquerque (2010), as primeiras décadas do século XX foram marcadas por um significativo crescimento econômico em Cajazeiras-PB, evidenciado pela construção de imponentes casarões que abrigavam a elite local.

A riqueza de detalhes e o capricho evidente nas formas arquitetônicas dessas construções demonstram a necessidade de mão de obra especializada para sua execução, o que, por sua vez, reflete o elevado poder aquisitivo de seus proprietários.

Imagem 08 - Prédio da antiga Casa Ypiranga



Imagem 08 - Foto arquivo pessoal. Prédio da antiga Casa Ypiranga com forma e estrutura parcialmente preservada.

A imagem (08) nos apresenta um prédio datado do início do século XX, segundo Albuquerque (2010). Essa construção corrobora a tese de Santos (2012), sobre a paisagem como um registro histórico. A análise da edificação revela que, apesar de sua estrutura original ainda estar presente, a função de suas partes foi alterada ao longo do tempo, com a adaptação da área superior, provavelmente residencial no passado, para uso comercial.

A mudança na funcionalidade e no uso do prédio reflete a adaptação às exigências do modo de produção capitalista.

A imagem (09) evidencia a coexistência de formas arquitetônicas tradicionais e contemporâneas, característica de um processo de urbanização que busca conciliar o passado com o presente. A organização do espaço urbano, com ruas asfaltadas, praças arborizadas, demonstra a atuação do poder público em prol de uma paisagem urbana esteticamente agradável e funcional.

Imagem 09 - Centro comercial



Imagem 09 - Foto arquivo pessoal. Centro comercial área que ao longo do tempo teve sua funcionalidade alterada.

A partir de meados do século XIX, Cajazeiras-PB consolidou-se como um centro urbano. Conforme Lefebvre (2010), esse período coincide com o início da industrialização em escala mundial, que impulsionou profundas transformações nas cidades. Cajazeiras-PB não ficou imune a essas mudanças, adaptando sua estrutura urbana para atender às novas demandas do processo produtivo.

A imagem (09) retrata as principais artérias comerciais do centro urbano, onde se concentram estabelecimentos voltados para o comércio de bens de consumo. No entanto, a análise histórica sugere que essas mesmas ruas, em seus primórdios, desempenhavam funções distintas.

A análise da imagem (09) revela que as ruas do centro, outrora destinadas à moradia, adaptaram-se às novas demandas urbanas. Seguindo a teoria de Marx (1988), a prevalência do valor de troca no sistema capitalista impulsiona a reconfiguração do espaço urbano para atender aos interesses da produção e do consumo. Atualmente quase todos os prédios são comerciais, sobre esse fenômeno nos fala Santos (2020):

As formas asseguram a continuidade do tempo, mas o fazem através da sucessão dos eventos, que mudam o seu sentido. O objeto tem autonomia

de existência, devido a sua existência corpórea, mas não tem autonomia de significação, já o vimos. “A mudança em um objeto vem das diferentes relações que matem com os diversos eventos”, diz Whitehead (1919, p.3). É desse modo que o espaço testemunha a realização da história, sendo, a um só tempo, passado, presente e futuro. Como escreve E. Rilph (1976, p. 125): “os lugares são, eles próprios, expressão atual de experiências e eventos passados e de esperanças no futuro.” (Santos 2020, p.156).

A imagem (09) apresenta um conjunto heterogêneo de objetos móveis, com formas e funções distintas, que se relacionam com as teorias de Santos. A presença de objetos antigos e novos evidencia a dinâmica da mudança e a adaptação dos objetos às necessidades humanas ao longo do tempo.

A imagem (10) retrata o Calçadão Tenente Sabino, uma via exclusivamente pedestre que abriga uma variedade de estabelecimentos comerciais. A concentração de lojas de diferentes segmentos, como vestuário e decoração, configura o local como um verdadeiro shopping a céu aberto.

Imagem 10 - Calçadão do Tenente Sabino



Imagem 10 - Foto arquivo pessoal. Calçadão do Tenente Sabino espaço ocupado por lojas, sem trânsito de carros, com forma, estrutura e funcionalidade voltadas para atender ao processo produtivo capitalista.

Conforme Carlos (2007), a cidade é um produto complexo e dinâmico, resultado da acumulação de diversas camadas históricas e sociais. Essa construção se dá através do trabalho humano, que molda o espaço urbano ao longo do tempo, sobrepondo novas camadas às já existentes.

Portanto, deixando de lado postulados e afirmações dogmáticas, podemos tomar como ponto de partida para o desenvolvimento do raciocínio capaz de produzir uma “leitura geográfica sobre a cidade” ideia de cidade como construção humana, produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza. Expressão e significação da vida humana, a cidade a revela ao longo da história, como obra e produto que se efetiva como realidade espacial concreta em um movimento cumulativo, incorporando ações passadas ao mesmo tempo em que aponta as possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana. (Carlos 2007, p. 21).

Seguindo a pesquisa de Rolim (2010), a imagem (11) nos apresenta a Catedral, cuja construção principal foi concluída em 1957. Entretanto, a abertura para o culto religioso só se efetivou aproximadamente vinte anos mais tarde. Além disso, a finalização completa da edificação demandou mais uma década de obras.

As imagens (06 e 11) evidenciam a relevância das igrejas como marcos arquitetônicos. Essas edificações desempenham múltiplas funções: embelezam a cidade, simbolizam a fé e servem como pontos de referência para os municípios vizinhos. As torres altas, em particular, contribuem para a visibilidade das igrejas em diversos ângulos da cidade.

As características descritas conferem a essas edificações um caráter imponente, suscitando sentimentos de reverência e orgulho nos adeptos da fé católica. Tais construções se constituem em símbolos da cidade, funcionando como verdadeiros cartões postais e pontos de referência para a comunidade.

Imagem 11 - Catedral Nossa Senhora da Piedade



Imagem 11 - Foto arquivo pessoal. Catedral Nossa Senhora da Piedade ponto final do percurso geográfico histórico.

4.3 UTILIZAÇÕES DE TECNOLOGIAS DE IMAGEM NA ANÁLISE DA PAISAGEM

A Geografia é a ciência que investiga as interações entre a sociedade e o meio ambiente, empregando conceitos e ferramentas geográficas para compreender e explicar os fenômenos culturais e sociais que ocorrem no espaço.

A representação pictórica do mundo é uma prática ancestral. Iniciada nas pinturas rupestres, essa forma de expressão artística evoluiu com o passar dos séculos, culminando nos afrescos que adornaram os tetos e paredes de prédios históricos. Através dessas obras, artistas plásticos buscavam registrar e transmitir os acontecimentos e a atmosfera de suas respectivas épocas.

A contemporaneidade é marcada pela sofisticação dos dispositivos tecnológicos utilizados para registrar imagens. No entanto, a finalidade primordial da fotografia permanece a mesma: documentar momentos específicos e estabelecer uma conexão visual entre o observador e o objeto de estudo.

A compreensão aprofundada dos fenômenos exige o domínio de técnicas específicas de registro. Ao longo da história, as sociedades desenvolveram e aperfeiçoaram diversas ferramentas para documentar suas atividades, tornando cada vez mais eficaz a análise e o estudo desses registros.

A Geografia, em sua busca por compreender a dinâmica do espaço geográfico, faz amplo uso de tecnologias como o geoprocessamento. Essa ferramenta possibilita a criação de mapas detalhados de todo o planeta, fornecendo imagens de alta resolução que facilitam a análise de diversos fenômenos geográficos.

Os avanços tecnológicos, especialmente no campo do geoprocessamento, têm revolucionado a Geografia. No entanto, a desigualdade no acesso a esses recursos limita o potencial de desenvolvimento da disciplina, especialmente no contexto escolar. É fundamental buscar alternativas e adaptações para que todos possam explorar o poder das imagens na compreensão do espaço geográfico.

Optando por dispositivos de fácil acesso e capazes de capturar imagens, como smartphones, realizamos registros fotográficos dos elementos que compõem a

paisagem urbana do entorno do centro histórico de Cajazeiras-PB. Essa escolha permitiu documentar visualmente a área de estudo.

Através da análise visual de fotografias, buscamos desvelar as dinâmicas complexas entre capital, política e religião que moldam a paisagem do centro histórico. Utilizando categorias analíticas específicas, pretendemos decifrar os significados ocultos por trás das imagens e compreender como esses três elementos se entrelaçam para construir o espaço urbano. Sobre ler imagens Silva (2019), nos informa:

Por isso, ler imagens é estar susceptível a inúmeras representações delas: uma pintura, uma fotografia, um desenho, uma cena teatral, um filme, uma paisagem, uma cidade, um monumento, uma ruína, um vendedor ambulante, som distante, uma música preferida, um texto, um livro, um poema, até uma receita de bolo. As imagens estão impregnadas no nosso cotidiano, ela se transverte de múltiplos modos. Onde cada pessoa construirá a sua percepção sobre determinada experiência e a transformará, respectivamente, em alguma imagem. (silva 2019, p. 35).

O processo de aprendizagem se beneficia da diversidade de métodos. Aulas dialogadas, complementadas por recursos visuais, tornam-se mais atrativas e eficazes. A correlação entre texto e imagem facilita a compreensão e a retenção do conteúdo.

A memória humana é fortemente visual. Ao evocarmos um conceito, como 'casa', tendemos a associá-lo a uma imagem mental. Portanto, ao trabalhar com a categoria 'paisagem', o uso de imagens torna-se essencial para facilitar a compreensão e a análise dos elementos que a compõem. Embora a percepção sensorial seja fundamental para a apreensão da paisagem, esta transcende os limites do visível, do audível e do tangível.

As paisagens possuem dimensões mentais e sociais complexas, carregadas de valores e significados. A dinâmica das paisagens é um tema recorrente nas pesquisas geográficas, sendo abordada por diversos autores, como Santos (2013), em sua obra, aprofunda a discussão sobre a dinâmica das paisagens, argumentando.

No entanto, desde que não há espaço real fora do espaço banal, é necessário defini-lo segundo duas noções. Do ponto de vista da percepção imediata, o espaço se diferencia em função das paisagens presentes. Pode-se compreender, então, a oposição entre espaço urbano e espaço rural, na linguagem geográfica. Mas está nada mais é do que uma linguagem a definir um epifenômeno: a paisagem do ponto de vista genético, o único capaz de trazer uma explicação, o espaço diferencia-se não somente pelo

de as atividades nele dominantes serem de natureza diferente, mas também em função da estrutura dessas atividades e dos respectivos níveis de decisão. Este problema depende da escala de observação dos fenômenos e, portanto, da escala de sua explicação. (Santos 2013, p. 75,76).

A escala de análise exerce um papel crucial na construção do conhecimento sobre um determinado fenômeno, influenciando a forma como ele é compreendido e interpretado.

A paisagem, resultado de complexos processos sociais, é moldada por diversos agentes transformadores. Compreender a identidade de cada um desses agentes e suas interações é fundamental para desvendar a dinâmica da formação das paisagens que observamos hoje.

A análise da relação entre imagem e conteúdo permite-nos identificar os processos que moldaram determinada formação ou estrutura, discernindo a influência de fatores políticos, religiosos ou econômicos em sua configuração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, constatamos que a paisagem emerge como uma categoria de fundamental importância na formação inicial dos educandos. Seu potencial enquanto instrumento para a abordagem de temas relevantes na formação do cidadão é inegável.

A revisão bibliográfica dos documentos oficiais que regulamentam a educação básica no Brasil revela um forte incentivo ao ensino do espaço vivido na disciplina de Geografia. Nesse contexto, a paisagem local emerge como um elemento curricular fundamental, sendo explicitamente mencionada nos documentos que orientam a elaboração dos currículos escolares.

A análise de livros didáticos revelou que, embora o tema 'paisagem' seja abordado de forma satisfatória, há uma lacuna em relação à contemplação da paisagem local. Os materiais didáticos analisados tendem a focar em escalas maiores, como a nacional e a mundial, proporcionando aos estudantes um conhecimento geral sobre o assunto, mas negligenciando a importância da análise da paisagem próxima.

Embora a ausência da abordagem contextualizada da paisagem nos livros didáticos possa ser considerada uma lacuna no sistema educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) oferecem flexibilidade para que escolas e professores elaborem propostas pedagógicas que contemplem a realidade local, a cultura e o modo de vida dos estudantes, amenizando assim essa limitação.

Neste estudo, buscamos evidenciar a relevância da paisagem local no ensino fundamental e propor um percurso geográfico-histórico como alternativa de material didático para o ensino da morfologia das paisagens do entorno. Nossa proposta visa oferecer aos docentes uma ferramenta para trabalhar de forma mais contextualizada e significativa os conceitos geográficos.

Nossa análise se concentrou em conceitos fundamentais como forma, estrutura e função, buscando compreender como os processos produtivos, impulsionados pelo sistema capitalista, moldam as paisagens. Investigamos como

as dinâmicas econômicas, políticas e até mesmo religiosas influenciam as transformações espaciais, moldando as paisagens cotidianas que vivenciamos.

O ensino deve visar a construção de conhecimentos úteis e significativos para os estudantes. Embora a compreensão do mundo em sua totalidade seja importante, o conhecimento sobre a realidade local é fundamental. Desenvolver a capacidade de observar, reconhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar onde vivem, por meio da leitura crítica da paisagem, é um objetivo alcançável e relevante para a formação dos alunos.

Propomos que a paisagem do centro histórico do município seja utilizada como um recurso didático fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a paisagem. Através da análise e interpretação desse espaço, os estudantes podem compreender as relações complexas entre a história, a cultura e a dinâmica social de sua cidade.

Compreender os processos que moldaram as formas, estruturas e funções das paisagens é fundamental para uma análise aprofundada do espaço geográfico. Esse conhecimento permite explicar as paisagens do cotidiano e do entorno, estabelecendo conexões entre os aspectos naturais e sociais que as compõem.

Em nossa pesquisa, propomos o uso de imagens como recurso didático para estimular a discussão sobre a dinâmica das paisagens. Sugerimos que os professores forneçam as imagens aos alunos antecipadamente, como forma de preparar o terreno para uma aula de campo. Essa estratégia possibilita um contato prévio com o tema, favorecendo a construção de conhecimentos mais aprofundados e significativos.

Nossa pesquisa evidenciou a necessidade de maior aprofundamento no estudo das paisagens contextualizadas. Dada a sua presença constante no cotidiano e seu caráter acessível, defendemos que as instituições escolares incorporem metodologias específicas para abordar esse tema nas aulas de Geografia, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica da realidade.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem. ADAS, Sergio. **Expedições geográficas: manual do professor / 6º ano - 3. ed.** - São Paulo: Moderna, 2018. Obra em 4 v. do 6º ao 9º ano. Componente curricular: Geografia.

ALBUQUERQUE, Simone F. **Práticas de leitura em Cajazeiras PB (1930 a 1950): memórias de ex-professoras.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa (PB), 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 01 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2018: Geografia: Ensino Fundamental: Anos Finais.**

BRASIL, Pcn's. **Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade.** 1ª ed. São Paulo: FFLCH, 2007.

FURLAN, Sueli Angelo. Canal Instituto Claro. **Como trabalhar o conceito de paisagem no ensino fundamental I.** Youtube, 17 de out. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=itkQZA8zniY&t=7s>>. Acesso em: 05 de jun. 2024.

GARBIN, E. P. SANTIL, F.L.P. **Forma, Função, Estrutura e Processo: as Categorias Miltonianas sob a Perspectiva da Lógica Formal.** Geoiingá: Revista do Programa de Pós -Graduação em Geografia. Maringá (SP). v. 12, n. 1, p. 131-154, 2020.

GONÇALVES, Irlana M H. **À Sombra da Igreja: A Influência da Igreja Católica Sobre a Produção da Subjetividade na Sociedade Cajazeirense à Luz da Psicanálise.** Dissertação (Mestrado) – União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional Religioso e Cultural - UNIDERC. Campina Grande (PB), 2015.

GOOGLE, INC. **Google Maps.** Disponível em: <<http://code.google.com/apis/maps/documentation/directions/>>. Acesso em: 01 set. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Malha Municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774malhas.html>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias, 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LUCCI, Elian Alabi. BRANCO, Anselmo Lazaro. FUGII, William. **Geografia território e sociedade**, 6º ano ensino fundamental, anos finais. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Livro 1º, O Processo de Produção do Capital. Vol. I. 12. ed. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. RJ: Editora Bertrand Brasil S.A. 1988.

NUCCI, João Carlos. **Origem e Desenvolvimento da Ecologia e da Ecologia da Paisagem**. Revista Eletrônica Geografar, Curitiba, v. 2, n. 1, p.77-99, jan./jun. 2007. Disponível em: <www.ser.ufpr.br/geografar>. Acesso em: 16 fev. 2022.

OLIVEIRA, Nubia Dantas. **A Paisagem Como Instrumento Para Formação Cidadã**. TCC (Curso Licenciatura em Geografia) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Cajazeiras (PB), 2022.

RODRIGUES, Eduardo Paschoal. **Dinâmica da paisagem no entorno da Br-174 (1978 - 2008)**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Manaus (AM), 2011.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras - PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa (PB), 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4. ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6. ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. 5. ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SENE, Eustaquio de. MOREIRA, João Carlos. **Geografia geral e do Brasil**, 6º ano ensino fundamental, anos finais. 1. ed. - São Paulo: Scipione, 2018.

SILVA, Silvia Heleny Gomes da. **O direito à paisagem urbana: imagem e afetividade na construção de uma geografia do olhar**. 2019. 142f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFC. Fortaleza (CE), 2019.

SOUZA JÚNIOR, Teobaldo Gabriel de. **Açude grande de Cajazeiras-PB: Uma análise da sua água e dos seus usos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável – UFCA. Crato (CE), 2020.

VESENTINI, J.K. VLACH, Vania. **Teláris geografia**, 6º ano ensino fundamental, anos finais.3. ed. São Paulo: Ática, 2018.

_____. **Araribá mais: geografia**. manual do professor / 6º ano. Organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editor responsável Cesar Brumini Dellore. – 1. ed. -- São Paulo: Moderna, 2018. Obra em 4 v. do 6º ao 9º ano. Componente curricular: Geografia.